

# **IMAGEM E IMAGINÁRIO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL. SEU PODER DE LIBERTAÇÃO OU DE PRISÃO.**

**Angélica de Paula Gonçalves Rosa**

Licenciada em História e  
Especialista em Literatura e Cultura Afro-brasileira –UEPB  
subzarrania@bol.com.br

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo maior levar-nos a repensar o papel da escola e do uso que ela faz da literatura infantil sendo ela uma fonte de afirmação da identidade. Nesse mundo contemporâneo onde muito se fala em diversidade cultural, mas que nas nossas escolas as características culturais da diversidade não está sendo levado a sério, valorizado, nem se quer falado. Mostrar que muitos livros de literatura infantil trás consigo visões de mundo que consciente ou inconsciente trás expressões de cunho racista que inferioriza a população negra e trás imagens negativas que infelizmente foram construídas pela população européia, que criou a idéia de inferiorização dessa população, essa idéia está presente até os dias atuais com algumas variações nas telenovelas nos outddors, nas propagandas, nos livros didáticos, na mídia, na escola e na convivência social das pessoas que tem de forma imbuída essa construção deturpada que intensifica as desigualdades sociais entre brancos e negros. Veremos como o professor deve se portar diante da questão racial tendo como foco principal o uso da literatura, especificamente fazendo uma análise das imagens que se apresentam para as nossas crianças nas literaturas mais arcaicas e as atuais. Primeiro gostaria de lembrar que as nossas escolas, pouco ou quase nada se trabalham com literaturas, pouco incentivam as crianças nesse mundo mágico da leitura, e quando o fazem se utilizam de meios e de livros que não tratem da pluralidade cultural. Deixando os alunos que pertencem a uma determinada cultura, que não seja a da cultura dominante em situação de inferioridade.

Palavras-chave: Literatura. Criança. Escola.

Este trabalho está voltado para a questão racial na escola focando seu olhar para a educação como um todo, mas especificamente para a Educação Infantil, através do uso da literatura, com o objetivo de levar os educadores e o próprio alunado a questionar-se sobre as imagens representadas nas literaturas, que tipo de imagem e por qual motivo elas foram criadas, o contexto histórico e social dos que as produziram. Levar os alunos principalmente, as crianças negras a elevar a sua auto-estima através de literaturas que contemple a sua cultura, para que essas crianças possam identificar-se de forma positiva, e os alunos brancos possam também valorizar a cultura afro-brasileira.

Sabendo que a literatura traz em si imagens e um conhecimento social ao qual nos influencia na formação de conceitos e atitudes, em fim, na construção da identidade, esse campo é muito importante para a formação pessoal da criança já que é constituída de significados que desenvolve a criatividade e a emoção dos pequenos ouvintes e leitores, essas imagens permanecem em nossas mentes desde a infância e influenciam nossos pensamentos durante a

vida e podem contribuir se forem passadas de forma a perceber e valorizar a diversidade cultural existente, para elevar a auto-estima dos que vive a margem da sociedade e aceitabilidade das diferenças, visando uma vida adulta consciente e humanitária. Para isso essas imagens precisam mostrar nossa cara, a cara do povo brasileiro que é formada por negros, índios e brancos de forma a não subestimar nenhuma.

Mas infelizmente isso não está sendo feito, e a escola, que deveria ser um ambiente de libertação se porta como prisioneira de ideologias construídas em décadas passadas seja pela prática dos educadores, ou seja, pela ausência de material didático adequado, continua trabalhando de forma a defender a idéia de que temos uma cultura uniforme, em lugar de reconhecer, valorizar a enorme variedade cultural brasileira. No Brasil, o desprezo por outras culturas fica camuflado por uma falsa idéia de igualdade. O preconceito surge quando silenciemos ou quando não queremos ver a realidade, no caso da literatura, o tipo de literatura e a forma como se a utilizam, pode-se tornar um instrumento de libertação como também de prisão.

Segundo Jaqueline Held (1) a literatura “é a passagem do mundo da leitura para a leitura do mundo” Podemos dizer então que através da literatura infantil a criança terá referências para ler o mundo a sua volta e carregará consigo opiniões e conceitos positivos ou negativos sobre o negro. Claro se a escola souber fazer uso das literaturas desde o ensino infantil. O professor deve estar atento ao selecionar as leituras que serão realizadas nas turmas de ensino infantil, buscar trazer para escola livros que mostre a cultura negra, que valorize seu falar, vestir, sentir e viver e deixar fora da sala de aula aquelas outras leitura que retrate o negro, como inferiores, submissos, animalizados e em papéis de servidão, desqualificados e ainda em personagens que represente o mau, o ingênuo, bobo e conformista, esses atributos já trazem em si estereótipos que fortalece o racismo; ou quando as utilizarem, contextualizá-las, e estimular os pequenos leitores a fazer certos questionamentos que passam despercebidos.

Vejamos algumas características de uma literatura racista, que são aquelas que quando cita o negro o faz como escravo, a forma como lhe apresentam está relacionada ao sofrimento como sendo natural, como se o negro nascesse para sofrer e o branco para ser feliz e dominar, ou quando o negro está presente, estão quase que imperceptível. Muitas das literaturas apresentam o negro em histórias tristes como sendo condição peculiar ao negro, os mostram também como passivos, bobos, e em personagem que expressam incapacidade intelectual, em profissões subalternas, vemos também representações através de imagens relacionadas ao negro como seres monstruosos.

Como se sentirá uma criança negra frente ao espelho da literatura que mostra uma degradação e inferiorização de sua identidade, da identidade de seus ancestrais? E as crianças brancas ao receberem essas representações certamente irão incorporar uma idéia de superioridade. A criança negra precisa ouvir e ler literaturas que contemple a diversidade cultural,

ela precisa de referenciais positivos para elaborar sua identidade, e a branca também para respeitar e saber que a diversidade está presente no nosso dia-a-dia.

A educação está aí para quebrar essa corrente, para que as gerações futuras não herdem comportamentos perversos, para que os nossos filhos sobrinhos, alunos não sejam racistas. É importante trabalhar com a diversidade cultural não só para a criança negra mais também para a branca, a indígena, para que possamos construir um mundo menos desigual. Veja o que diz Zilbernaman (2):

Se a imagem da criança é contraditória é precisamente por que o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é assim o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão. Tende, ao contrário, a torna-se realidade.

Aí entra o foco da questão; se uma criança negra, durante o seu período de formação da personalidade e identidade, na escola especificamente só ouve histórias de príncipes e princesas brancas, lindas e loiras (já que esse é o padrão de beleza imposto pela sociedade, na maioria das vezes, e pela mídia também), se seus colegas de classe são na maioria brancos, como essa criança irá se auto conhecer.

O debate a respeito desse assunto é banalizado pela escola, que não explicita a real presença do preconceito racial, presente de forma camuflada nos livros didáticos e também nos de literatura infantil. Ao utilizar esse tipo de material acaba reproduzindo e disseminando as ideologias que desvalorizam a população negra, a escola acaba dificultando a permanência da criança negra na escola e, conseqüentemente, o seu sucesso escolar. Veja o que diz Cavalleiro. (3):

Constata-se um sofrimento por parte da criança negra exposta diariamente à situação de violência, o que torna difícil a construção de uma identidade positiva. Simultaneamente, a criança branca é ensinada uma superioridade, visto que, todo dia, recebe provas fartas dessa premissa.

As imagens cotidianas vista pelas crianças, as ilustrações dos livros didáticos e das literaturas também fazem com que aquele mundo imaginado seja inconscientemente transmitido para o subconsciente ao qual será reproduzido posteriormente da forma ao qual foi percebida. Aí está a prova concreta de que ninguém nasce racista e que o meio e as informações contidas nos meios sociais, seja ela a escola, a família irão ser exteriorizadas futuramente.

Atitudes de violência e competição na sala de aula tornaram-se muito comuns quando se trata de questões raciais. As crianças brancas sentem-se superiores às negras e, por essa razão, tratam-nas com xingamentos e como inferiores. Isso acaba acarretando

para a criança negra vergonha e raiva de ser negro, o que acaba comprometendo o seu potencial, pois a criança que vivencia uma situação de discriminação acaba tendo uma visão negativa de si mesma. Roberta Bencini (4) reflete sobre essa questão em reportagem da Revista Nova Escola que atesta a necessidade de uma educação anti-racista desde o ensino infantil: “o trabalho de educação anti-racista deve começar cedo. Na Educação Infantil, o primeiro desafio é o entendimento da identidade. A criança precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa.”

A literatura assim como um todo quando analisada revela-nos expressões culturais de uma sociedade, é como um espelho onde nos reconhecemos através dos personagens a partir daí gostamos ou não dos personagens e criamos opiniões sobre eles, geralmente já transmitido no enredo da história narrada. Sabemos que a população negra desde que foram trazidos para o Brasil sofreu horrores de todas as formas possíveis, já que não eram considerados humanos e sim mercadorias, animais, e que as literaturas do período colonial e até algumas não tão passadas trás representações do negro de forma negativa, imagem que transmite uma relação da população negra, seja através da escrita propriamente dita ou das caricaturas animalizadas que o depreciam, essas imagens têm um forte poder e é utilizada como instrumento de dominação cultural ao qual o homem branco aparece como redentor do poder, da beleza da sabedoria, etc.

Muitas literatura trazem personagens do negro sem nome, sem família, geralmente submisso ao branco, infeliz e com caricaturas animais. É a imagem que ninguém quer se espelhar, se identificar. Apesar de parecer simples, no pensamento das crianças acaba gerando um certo conflito, e estas terminam por relacionar também nas suas vidas as pessoas brancas a coisas positivas e as pessoas negras o ao negativo. Acabam incorporando essas idéias e não se aceitando como negra(o).

Infelizmente muitas de nossas crianças brasileiras não estão tendo a oportunidade de reconhecer a sua verdadeira história e cultura, que é marcada por uma enorme diversidade cultural, a população infantil negra nada ou pouco sabe de seus antecedentes, não sabem eles de sua história de lutas e conquistas, as escola em sua grande maioria quando abordam algo relacionado ao negro só o fazem na perspectiva do negro escravizado. Existe, ainda também, a falsa idéia de que as nossas crianças, principalmente as da educação infantil é um ser puro, sem maldade, sem problemas, e por isso deve ser poupada de temas como morte, sexualidade, amor e racismo. É como diz Rosemberg (5)

Para construir uma Educação Infantil mais igualitária, em primeiro lugar, é necessário não negar o preconceito. O silêncio é o primeiro estímulo para a manutenção das desigualdades.

Encarar desigualdade, discriminação, preconceito é dar o primeiro passo para sua superação.

Muitas crianças já trazem, mesmo antes de chegar à escola, uma carga de racismo, adquiridos através de exemplos presenciados na própria família ou na sociedade que ela está inserida e acaba reproduzindo isso no seu dia a dia; embora muitos profissionais da educação achem que as crianças pequenas não têm ainda um conhecimento sobre as diferenças e que por isso não exercem a discriminação. É aí que esses profissionais se enganam, a criança geralmente tem comportamentos racistas longe dos olhos de um adulto, do professor, geralmente a rejeição das crianças brancas para com a negra acontece na hora do recreio no parque, no pátio, as crianças negras são ofendidas e muitas das vezes impedidas de participar das brincadeiras causando-lhes uma tristeza profundo que muitas das vezes as fazem deixarem de freqüentar a escola. É por isso que o número de crianças negras que terminam as primeiras séries do ensino fundamental é extremamente reduzido. Ninguém nasce racista, o racismo é um pensamento que se concretiza através de comportamentos que infelizmente está alcançando a infância. As crianças negras desde cedo já começam a sofrer preconceito de várias maneiras, como no geral o preconceito brasileiro que tem suas peculiaridades, já que o brasileiro não se considera racista e acha que o país é uma democracia racial.

É lastimável que a utilização de livros de literatura infantil na escola ainda não tem sido muito relacionada às questões étnico-raciais e que os livros utilizados deixam a desejar quando se referem as questões raciais e também de gênero acabam por intensificar o racismo.

Não podemos negar o preconceito, o silêncio é o primeiro estímulo para a manutenção das desigualdades (...). Creio que isso seja uma desculpa dos nossos educadores para não encarar o problema de frente, mas isso é compreensível já que as escolas de formação de educadores talvez não o tenham capacitado para lidar com a temática que é complexa e ao mesmo tempo tão simples. Embora isso não possa ser utilizado como justificativa.

É sabido que a educação não tem uma fórmula mágica para acabar com o racismo e o preconceito, mas pelo menos conseguiremos levar as nossas crianças negras a saberem se defender e não deixar sua auto-estima baixa, com certeza uma criança negra ao ter conhecimento da história de seus antecedentes, ao descobrir que muitas coisas do nosso cotidiano veio da cultura afro, ao saberem que existem também princesas negras lindas tal qual as branca, saberem que a população brasileira tem também heróis negros, artistas, músicos, intelectuais. Isso não é mostrado, só é transmitido para a criança o negro com uma alta carga de negatividade são poucas as literaturas que nos mostram heróis e heroínas negros, o que vemos são empregadas domésticas, empregados braçais, sem nome, sem família, dificilmente sendo o personagem principal, sem voz. Se essas obras não forem analisadas de forma crítica pelos educadores, que tem a missão de contextualizar as obras, estando atento ao que os livros nos

transmitem; ver até que ponto o que está sendo narrado é imaginário ou a realidade a respeito da população negra e a forma como se está falando.

Foi através da literatura infantil e de diversas outras que percebemos uma articulação de ideologias através de estratégias específicas que transmitiu e ainda transmite as condições sociais, os hábitos, as crenças os estereótipos e os preconceitos compartilhados por um determinado grupo em uma determinada época, fica difícil saber diferenciar o que é fantasia e o que é realidade; o que sabemos é que nenhum artista, escritor, músico... ao produzir algo não coloca um pouco do que sente, do que vivencia, por isso precisamos vivenciar novas formas de pensar e agir para produzirmos literaturas que desconstrua a imagem negativa da população negra. Mas infelizmente ainda existe literaturas infanto-juvenil que deprecia o negro, e que continuam sendo lidas, continuam propagando as idéias erradas Conforme cita Oliveira (6):

(...) a literatura infanto-juvenil dá a sua contribuição para que os alunos tenham uma postura discriminatória, à medida que os personagens negros nas obras disponíveis nas bibliotecas, em grande maioria, são caracterizados de maneira estereotipada. Em contrapartida, os personagens brancos são os heróis e simbolizam o ideal de beleza europeu.

E por isso que é de extrema importância, as crianças saberem que infelizmente o povo africano veio nos porões dos navios negreiros contra a sua vontade, acorrentados, vieram da África: reis, rainhas, guerreiros, líderes religiosos... para serem escravizados aqui no Brasil, mas mesmo sendo escravizados mantiveram a cabeça erguida, jamais escravizando seus sonhos e sua mente nesse eterno sonho de liberdade. Negros e índios devem está presentes de na escola de forma positiva para que tenhamos uma modificação de alguns conceitos estereotipados.

Apesar da Lei 10.639/2003 que foi alterada para 11.645/2008 que alterou a LDB ao qual torna obrigatório o Ensino da História da África e dos Afro-brasileiros; muitas escolas, por desconhecerem ou até mesmo por resistência e preconceito deixa fora do currículo escolar a questão racial. Falta formação, falta principalmente vontade e sobra muito preconceito é por isso que se deve trazer para as escolas o negro seja através da literatura ou de qualquer outro instrumento de formação de ideologia, dessa forma, possivelmente, os gestos e as atitudes desses futuros adultos serão mais éticos, mais justos, menos etnocêntricos, plurais, enfim, democráticos e mais humanos.

#### NOTAS:

1.HELD, Jaqueline. In. LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros um breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil In. MUNANGA, Kabengele (org) **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, SEF, 2001. p.95

2.ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola** - 8, ed. São Paulo: Global, 1994. p.40

3.SOUSA, Andréia Lisboa. Personagens negros infanto-juvenil: rompendo estereótipos In. CAVALLEIRO, Eliane (org) **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo, 2001. p.147

4.BENCINI, Roberta. REVISTA NOVA ESCOLA. **A questão Racial na escola**. São Paulo: Editora Abril, nov. 2004, edição 177. p 51

5.ROSEMBERG, Fúlvia. REVISTA CRIANÇA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Práticas para a igualdade racial na escola. Brasília. Editora: Ministério da Educação Coordenação Geral de Educação Infantil, dezembro de 2005, edição 42. p. 18

6.OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Relações étnico-raciais na Literatura Infanto-juvenil brasileira**. Campina Grande, I ENLIJE, 2007. p.02.